

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

SECÇÃO RELIGIOSA: *De Vianna a Caminha, Palestra sobre os conventos*, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A medicina nos nossos dias*, por Bernardino José de Senna Freitas.—SECÇÃO LITTERARIA: *Coinhas*, por um vimaranense; *Thereza de Jesus*, por D. Maria del Pilar Sinués, traducção do Padre Lima; *A mulher christã*, por Sanches de Toca.—EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *Historia verdadeira da Inquisição*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—ULTIMAS PUBLICAÇÕES, por A. Teixeira.

GUIMARÃES 13 DE NOVEMBRO DE 1879

SECÇÃO RELIGIOSA

De Vianna a Caminha

POLEMICA SOBRE OS CONVENTOS

(Continuação)

P. Terá sem duvida lido os *Miseraveis* do grande escriptor, que são verdadeiramente, debaixo de uma forma romantica, o Evangelho do homem, como disse Castilho. Victor Hugo consagra ao convento os primeiros capitulos do livro septimo da obra alludida. Jubilei de que a minha opinião claustrophoba (deixe passar) podesse acostar-se á de um tão insigne pensador. Achei tão acertadas as reflexões d'elle, que as decorei sem o procurar. Não sei se me permite que lh'as reproduza...

R. Até desejo muitissimo.

P. «Os conventos, diz o auctor dos *Miseraveis*, quando abundam n'uma nação, são nós que impedem a circulação, estabelecimentos que avançam, centros de preguiça onde se ha mister de centros de trabalho. As communidades monasticas são para a grande com-

munidade social o que o cogumelo é para o carvalho, e o que para o corpo humano é a verruga. A sua prosperidade é o empobrecimento do paiz. O regimen monacal, bom no começo das civilizações, util para produzir a redução do elemento material pelo espiritual, é mau na virilidade dos povos... O tempo das instituições claustraes passou... O convento... é uma das mais sombrias concretações da idade media. O claustro... é o ponto de intersecção dos terrores. O claustro catholico propriamente dito é todo cheio da negra irradiação da morte (!).»

Ora ahi tem o amigo o juizo que formula do convento, e do frade esse vidente da civilização, que se chama V. Hugo. Não é só o obscuro burguez de Vianna, que esconjura a cogula, como um espectro do progresso. E diga-me V. com imparcialidade, que se poderá oppor racionalmente ás altas e socialissimas considerações do festejado auctor dos *Miseraveis*?

P. O mesmo auctor dos *Miseraveis*, que nos capitulos seguintes ao citado por V., se contradiz monumentalmente para fazer uma esplendida apologia do convento e do frade.

P. Não me recordo...

R. Isso só mostra, meu caro, que a memoria tambem tem, como o coração, as suas sympathias e antipathias... Pois lembrar-lhe-hei o trecho a que me refiro, mas antes d'isso cumpre-me dar algumas respostas ás ultimas reflexões de V.

P. Com effeito! Já vejo que o amigo é corda rebelde á oscaravelha (como dizem os italianos); não relaxa facilmente...

R. Ah, ah; é para desafinar. Mas vamos ao caso. Em primeiro lugar disse V. que o religioso roubava-se á sociedade. Não se rouba, não; muda simplesmente de rua e casa, e modifica um pouco os seus habitos de convivencia exterior, ás vezes bem desperdiçadora do tempo. Não se demitte de ente social, vae tão sómente assentar praça n'uma milicia regular em que servirá a sociedade de um modo mais effcaz,

(1) *Miseraveis*, de Victor Hugo: Livro septimo, Parenthesis.

constante, e util do que antes talvez a servia, e poderia servir.

Servil-a-ha, bem entendido, como padre, não como engenheiro, nem industrial, portanto, instruindo, ensinando, catequisando, prégando, apostolisando, orando, escrevendo, soccorrendo a desgraça, dedicando-se corpo e alma pela diminuição das dôres que opprimem a humanidade. Ora n'estes officios eminentemente sociaes estão incluídos collectivamente os fins de todas as ordens religiosas. Qual é o fim do dominicano? a alta prédica; do jesuita? o ensino e a educação da mocidade; do franciscano? a evangelisação singela e popular; do frade de S. João de Deus? o serviço dos hospitaes; dos Oblatos de Maria? as missões e as prisões. E generalizando um pouco mais a accepção da palavra—religioso—: qual é o fim do oratoriano? ainda a instrucção; do lazarista? as missões ruracs, a christianisação dos povos selvagens, a formação do clero pela instituição de seminarios, etc. Que me diz, meu amigo? Esses homens roubam-se á sociedade? isolam-se propriamente? podem chamar-se transfugas? fecham as portas por dentro? mettem a luz debaixo do alqueire? Quacs são os seres benemeritos que, em lugar do frade, a civilização encarregou, entre nós, da instrucção christã da juventude, do serviço voluntario e gratuito dos hospitaes, da visita moralisadora das prisões, e da civilisação dos barbaros, conquistada, quando é preciso, a preço do proprio sangue? A dedicação do frade foi substituida por uma philanthropia de bicos de penna, de *pic-nics* discursados, de protecções exclusivas, de trolha e esquadria, que não cicatrizam a immensa chaga social. Além d'isto, quando o homem se rouba á sociedade, porque um golpe profundo e insanavel, uma decepção cruel produzida pelo attrito de um certo meio funesto em que vive, um dissabor mais amargo que o fel lhe inspiram e d'alguuma sorte lhe impõem o expediente da concentração, e o refugio de uma solidão temperada pelo convivio de alguns companheiros, encahados no mesmo crmo pelo mesmo infortunio; quem terá o direito de lhe vedar que se isole (quando tantos independentes se isolam, sem motivo algum racional, e sem que os

gansos capitolinos da opinião publica deem signal d'alarma)? Para conjurar essas crises da vida, o que foi que nos deu o paraizo da nossa civilização patria, a troco do claustro que nos tirou, e do asilo da cella, onde se abrigava o pulso da nossa honra desvirtuada, do nosso coração calcado, das nossas illuções perdidas? O que nos deu? . . . Pois o que nos deu foi o sarcasmo intoleravel (para o desgraçado) dos espectaculos de prazer, e depois d'isso o embrutecimento moral, o desespero, e por fim o suicidio?

P. Alto! A civilização condemna o suicidio.

R. Talvez, apesar de Montesquieu (1), J. J. Rousseau (2), e outros, mas que importa se deixa a sociedade á mercê d'elle?

(Continúa.)

PADRE SENNA FREITAS.

A MEDICINA

NOS NOSSOS DIAS

V

A homœopathia é tão gloriosa, até na sua historia, que, se não fosse o mais completo systema de medicina, e pelo ruido dos seus prodigios não houvesse atrahido a attenção de todo o mundo, bastar-lhe-hia a guerra que tem soffrido, e a tenacidade estoica de seus apostolos para se reconhecer n'ella o que quer que seja de sublime e indestrutivel.

Primeiro em Leipzig, seu berço, em Coheten e Dresde, onde Hahnemann empreendeu os seus primeiros estudos e proferiu as suas primeiras lições, teve o acolhimento enthusiastico das suas provas iniciaes, tão surprehendentes quanto proficuas. Caspary, professor de cirurgia da Universidade de Leipzig, tão profundamente se convenceu das verdades da homœopathia, que renunciou ao cargo official, que exercia, e collocou-se ao lado dos discipulos de Hahnemann Stapf, Hartmann, Gross; Hornburg, Franz e Hartlaub. Todos estes sabios se tornaram distinctos pelas obras que publicaram em demonstração das verdades da nova doutrina, e fizeram conhecidos os estudos das primicias pathogenosias.

Foram estes mesmos discipulos de Hahnemann que fundaram em Leipzig a *Sociedade Central de Propaganda*. Por subscrição entre elles juntaram a

quantia de 2:080.5000 réis, e com esta pequena somma unicamente, estabeleceram em 1833 o primeiro hospital homœopathico. para viute doentes.

Teve então a homœopathia que vencer grandes perseguições e difficuldades, principalmente para arcar com as influencias que os seus adversarios exerciam em torno dos governos. Para maiores screm seus triumphos até teve em seu seio um Judas, o Dr. Fikel, que publicando pathogenosias falsas, sob a responsabilidade de pseudonimos, com o fim de desacreditar o systema, o conseguiu, até que foi descoberta a traição.

A Noack, Trinks e Helbig se deve o aclaramento d'esta perfidia. Desmascarado Fikel, publicou grande numero de obras, combatendo a homœopathia, que foram victoriosamente rebatidas, ainda que com grande difficuldade. A homœopathia contudo esteve por algum tempo como que detida na sua marcha progressiva.

Fundavam-se então as sociedades homœopathicas da Silesia, do grand-ducado de Baden, de Hesse-Darmstadt e de Gotha.

Tal abalo estava soffrendo a medicina, que de todos os lados que apparecia um homem de sciencia a reconhecer a homœopathia intentava novos estudos com o fim de a aperfeçoar. D'aqui veio o estudo da isopathia, da electricidade e do magnetismo animal applicado ás doencas; estudo que chegou a ser profundo, ainda que sem resultado apreciavel, o que não impediu que a escola official o adoptasse como recurso nos casos da sua maior impotencia, não obstante serem devidos aos homœopaths os conhecimentos primitivos d'este ramo, como se vê da *Materia Medica* de Hahnemann, da *Pathogenesia* de Caspary, Beckenteiner etc.

Foi em 1846 que já dominado o espirito publico pelas victorias da homœopathia, o governo allemão começou a proteger e a subvencionar os estabelecimentos homœopathicos.

Quando uma epidemia de escarlatinas invadiu Dresde em 1831, já ali, em virtude da propaganda feita pelo barão George Brunov e pelos medicos Wolf e Trinks, a homœopathia se achava aceita pelo publico. Foram innumeradas as vantagens que ali obteve o novo systema, e tanto maiores, que quando em 1838 se desenvolveu a febre typhoide, encontrou já por toda a parte o inimigo poderoso e popular, que a combateu corajosamente. Alem d'aquelles medicos teve Dresde diversos-allopaths que abraçaram a homœopathia e se tornaram distinctos, como foram Eib, Schwarz, Helbig, Close etc.

D'ahi passou Berlin a ser theatro dos novos triumphos do novo systema.

Os paços reaes abriram desde logo as portas aos medicos homœopaths. A alta sociedade, como o povo; deram-lhe enthusiastico acolhimento. Deve-se o maior impulso ao Dr. Stuler, Hufeland, proto-medico do reino e clinico do Rei da Prussia, foi um dos mais affeçados ás doutrinas de Hahnemann, de quem se fez particular amigo. Os celebres Melicher, Reisiy, Wesmeyer, representante dos especialistas prussianos, e Kallenback, grande orador, foram poderosos defensores e propagadores da homœopathia, que pelo facto de ter por si os primeiros e mais conhecidos homens de sciencia do paiz, facilmente se vulgarizou, não obstante a grande lucta que teve com o corpo cathedratico e as graves polemicas e intrigas que suscitou. Para logo o governo fundou uma cadeira official de homœopathia na Universidade de Berlin, e dispoz que houvesse uma clinica costeada dos fundos do Estado. Foi imponente o numero de medicos da antiga escola convertido ao systema hahnemanianno, entre elles os de maior nomeada.

Não menos facilmente se estendeu por todo o Hannover a homœopathia, sendo seu principal propagador Elwert. Hirschfeld abriu um curso no museu de Brema. Muitos outros medicos publicaram diversas obras, que auxiliaram a propaganda, taes como Nikol Sternheiz, Metz, Kiesselbach, Metzendorf, Frank, Krumacher. Em Munster o barão Bunninghausen, conselheiro do rei e homem notavel pela sua posição scientifica e official, publicou tres grandes obras de elevado merito, que honram a litteratura homœopathica.

Em Heidelberg, Rastadt, Freyburgo, Altkirch, Mulhouse, Colmar, Strasburgo, no Wurtemberg, em Ulm, em Braunsbach, em Stuttgart, foi promptamente aceita a homœopathia, assim pelo publico, como por homens iminentes da medicina antiga, que se submeteram ás suas grandes verdades, taes como o professor Wille, Arnold, Seguin, Kramer, Weber, Liebermann, Shafer, Saller, Bauer, Fanger, Dietz, Kammerer, Boch, e Wilhelm Koch.

Na Baviera pode-se dizer que foi o povo que expontaneamente aceitou a nova medicina. O Dr. Ringseiss, cathedratico de clinica na Universidade de Munich abraçou a homœopathia e abriu um curso publico na sua faculdade. Muitos medicos distinctos com elle se converteram e formaram um hospital homœopathico. Entre esses medicos figura o Dr. Buchner, que publicou uma pharmacopea homœopathica, que serviu de base á obra muito conhecida do Dr. Jahr.

Em Mendelheim appareceram tambem muitos medicos notaveis que abraçaram a homœopathia; entre estes

(1) Cartas Persas (carta 76).

(2) Ilcloisa.

Ott, Heischmann, Kunstmann, Schran, Schumann, Ohlhaut, Widenman e Reuter.

Em Vienna, quando a intriga dos allopathas mais se accendeu contra a homœopathia, já ella havia conquistado tanto campo, que não foi possível desalojar-a. O flagello do cholera acabou de firmar o novo systema. Pelas estatísticas publicadas vê-se que de 457,536 colericos tratados allopathicamente, falleceram 222,342, curando-se 184,014 e ignorando-se o resultado em 42,056. Dos 14,024, tratados pela homœopathia curaram-se 12,748 e morreram 1,276; d'onde resulta a proporção de 52 por 100 para a allopathia e 9 por 100 para a homœopathia. — Depois d'este facto muitos medicos se converteram e foram distinctos. Sobresabiu n'esta epoca um homem de letras, amador da homœopathia, o Padre Veitch, que se tornou notavel no exercicio da medicina, embora sem habilitações legais.

Em Linz e em Steyer, na alta Austria, tambem se fundaram dois hospitales em 1842.

Em Praga a faculdade de medicina accordou com os medicos homœopathas para fazerem um estudo sobre a homœopathia. O resultado foi a admissão do systema homœopathico sem repugnancias de nenhuma especie.

A Hungria chegou a ser um foco do hahnemannismo puro. Os habitantes de Gunz e de Gyongyos por subscripção publica crearam dois hospitaes homœopathicos, e o governo creou uma cadeira official de homœopathia. Figuraram muito os celebres Gulays, Sztovszky, Muller, e Balogh etc. etc.

Em Pest formou-se uma sociedade homœopathica, á qual pertenceram os doutores Hausmann, Mayer, Sten, Argenti, Horner, Szelezi, Attomyr e Bugath, decano da faculdade de medicina.

Em Toscana, Florença, Padua, Bolonha e Milão, foi implantada a homœopathia por Niker, Schmidt, Grop, Convers, Placci Lambrecht, cathedraico de obstetricia, Sonnemberg, medico director do hospital militar, Lunghi, Porro, Hartung etc.

A fama das prodigiosas curas conseguidas pela homœopathia n'outros paizes, facilmente seduziu o Piemonte. Ao Dr. Flores foi entregue o hospicio da *Providencia* em Niza, para que se fizessem as experiencias. Os resultados obtidos, e a economia que resultou pela barateza dos medicamentos, firmaram a adopção e rapidos progressos da homœopathia em todo o paiz.

Diz a este respeito, em um relatorio publicado, o Dr. Pischier o seguinte:

«Se por ventura este paragrapho da minha obra é lido por algum administrador de asylos de beneficencia, com-

prenderá que ha um verdadeiro crime em não procurar que os tratamentos allopathicos sejam substituidos pelos homœopathicos, por que ha tal economia n'elles, que ainda sob este unico ponto de vista deveriam os governos dar-lhes preferencia» — (*Bibliotheca*, Tom. 4.º)

Em Genova os Drs. Soleri (Gatti, Cumbiazio, Polleri e Marengo deram impulso á homœopathia. O veterinario Massa applicou-a á sua especialidade. Um curioso, homem de grandes conhecimentos scientificos, o commissario de guerra Onis, prestou-lhe grandes serviços, principalmente na pharmacia.

Turim não tardou a prestar seu culto ao novo systema. Deu-lhe impulso o professor Dr. Chio.

Bertolini, Porto, Baya, Bruno, Demichelis, Granetti e Poëti o seguiram. Blengini foi o primeiro pharmaceutico. O presbitero Cotelengo fundou o primeiro hospital homœopathico. A condessa Barolo fundou outro a expensas suas em 1845.

O barão de Moscou, posto não ser medico, decidiu pelo convencimento o Dr. Stucklitsch a empregar a propagação da homœopathia em todas as provincias da antiga Iliria com o auxilio de grande numero de medicos, que a elle se ligaram e que exerceram a clinica nas diversas cidades.

Na Sicilia e no resto da Italia foi rapido o progresso da homœopathia, convertendo-se muitos medicos, inclusivamente da clinica official.

Napoles fez-se como Leipzig um foco de homœopathia, depois da occupação do exercito austriaco em 1821. — Neker tornou-se objecto das maiores sympathias, e ali abriu uma escola publica, aonde concorreram medicos civis e militares em grande numero. Em nenhuma cidade foi mais imponente o numero de medicos de elevada esphera convertidos á homœopathia. O rei foi o primeiro protector do novo systema, promovendo os seus progressos, a despeito das intrigas e altas influencias que contra a homœopathia se puseram em acção.

Em Roma foi, por occasião de ali passar, em 1827, o principe austriaco Esterhazy, que o Dr. Kinzel começou os seus trabalhos de propaganda, protegido por grande parte da alta aristocracia. Uniram-se-lhe a pouco e pouco os Drs. Horatius, Mauro, Romano, Centamori, Luigi, Simbaldi, e os allemães Braun e Wahn etc. etc. que em breve viram a homœopathia triumphante no geral acolhimento.

O negociante Mure, affectado de uma grave enfermidade, e desenganado por muitos dos principaes medicos allopathas da Europa, entregou-se á homœopathia, sendo o seu clinico o sabio con-

de Desguidi, que o curou radicalmente. Por este facto se affieçou de tal modo ao systema hahnemanniano, que abandonando o commercio se fez medico homœopatha, e foi quem mais concorreu para se estabelecer a homœopathia na Sicilia, em Malta, em Palermo, fundando hospitaes, e fazendo adeptos ao novo systema, como foram Cinizella, Callanissetta, Perez, Favoralta, Evole, Balestrata, Nauria e outros, das mais elevadas regiões officiaes do professorado e da clinica.

Por um decreto publicado em Junho de 1841 foi creada em Palermo a Academia Homœopathica, sendo o seu primeiro presidente Bartoli.

Sob a protecção de Victor Manuel, da familia imperial da Russia e do Duque de Parma se fundou o grande hospital homœopathico de Niza. Existem tambem muitas sociedades homœopathicas de character particular, instituidas por homens notaveis que se têm convertido ao novo systema, e diversas publicações periodicas, que honram a litteratura e a sciencia. — Entre outros conta a homœopathia como seus mais distinctos sectarios em Italia os seguintes medicos, convertidos ás suas doutrinas: Nonnis, decano da faculdade de Cagliari, Söletz, professor de pathologia na Universidade de Genova, Granetti medico do rei, e encarregado das aguas mineraes de *Aqui*, Sonnemberg primeiro medico do hospital militar de Padua, Vilochenthal, Wank, Strannicki e Hirs, medicos militares, Luizzi medico do Papa, Ladelci, cathedraico de botanica em Roma etc. etc.

Em França foi introductor da homœopathia o Conde de Desguidi em 1830. Tendo feito curas notaveis, desde logo se viu rodeado de grande numero de medicos, taes como Dufresne, Rapou, Dessaix, Gastier, Guayard, Pérrussel e outros, que fundaram a *Sociedade homœopathica Leonesa*. Em Leão celebraram-se varios congressos em 1846, e em 1854 em Bordeos.

Ao chegar Hahnemann a Paris, já o seu systema tinha obtido grande desenvolvimento, juntando-se desde logo ao grande reformador da medicina Leon Simon, Petroz, Croserio, Jahr, Chancerel e outros muitos. O Dr. Jourdan traduziu todas as obras de Hahnemann, e publicaram-se outras muitas, cujo cathalogo seria longo para o acanhado espaço de que posso dispor, e que são por assim dizer os mestres da homœopathia em todo o mundo.

E' tambem extensissima a lista dos medicos francezes que têm abraçado o novo systema. Entre elles citarei Tessier, Davasse, Gabalda, Ozanau, Petet, Dezauche, Desternes, Chancerel, filho, Marchant, Parlier, Pérrussel, Lambert, Lecoupeur, Molin, Chargé, Hureau, Lo-

ve, Davet, Jousset, Fredault, Milcent, Champeaus, Cramois, Espanet, Granier, todos auctores conhecidos de obras de subido merito, que figuram mais nos gabinetes de estudo dos verdadeiros amantes da homœopathia.

O novo systema foi adoptado em França: no Hospital de Santa Margari-da, nos de Beaujou, no de Creanças de Paris, no de Bourgueil, no de Clermont-Ferrand, e outros. O grande *Hospital Hahnemann*, de Paris, deve na maior parte a sua existencia aos esforços de Leon Simon, filho, bem conhecido pela sua dedicação ao systema, e de cuja illustração temos medida no seu tratado sobre as doenças venereas, publicado em 1860, que é uma obra prima no seu genero.

Em Inglaterra encontrou a homœopathia a protecção do governo, mas uma notavel resistencia no publico, o que não admira attenta a grande ignorancia d'aquelle povo. Foi em 1830 que ali deu entrada o systema de Hahnemann. O Dr. Romano de Napoles foi a primeiro clinico que em Inglaterra tratou pela homœopathia. Não obstante as primeiras difficuldades, muitos medicos abraçaram o novo systema, e hoje está grandemente desenvolvido em toda a Inglaterra, onde se tem publicado obras de grande alcance, e se fundaram diversos estabelecimentos publicos e de caridade particular, bem como na Escocia e na Irlanda. Nenhum paiz conta hoje tantos hospicios e tantas sociedades homœopathicas como a Inglaterra e seus dominios.

A Hespanha é um dos paizes onde tem sido mais renhido o combate da homœopathia com o antigo systema, mas onde a homœopathia mais rapidamente se generalizou.

Em 1833 o negociante D. Benito Iriarte foi quem primeiro fez conhecida a homœopathia em Hespanha, espalhando em grande copia traducções das obras de Hahnemann. Os primeiros medicos hespanhoes que n'aquelle paiz se converteram pela homœopathia foram os Drs. Folch, e Janer, ambos lentes da escola official; os seus primeiros propagandistas foram porem D. Pedro Rino y Hurtado, D. Ramon Pinciano, e D. Prudencio Querol.

Sevilla fez-se um grande foco da homœopathia. E' considerabilissimo o numero de medicos que n'aquelle cidade se converteram e exerceram a homœopathia, destacando-se para outros pontos do paiz, onde ella se desenvolveu.

Dá-se em Hespanha um facto notavel, e é que o maior numero dos primeiros medicos que adoptaram a homœopathia pertenciam ao professorado das escolas officiaes.

Ha em Hespanha muitas sociedades

homœopathicas, e numerosas publicações, periodicos, bem como diversos institutos para consultas publicas gratuitas. E' avultadissimo n'aquelle paiz o corpo medico homœopathico, no qual ha homens da mais notavel respeitabilidade scientifica.

Nos Estados Unidos em 1824 Hans Gran deu os primeiros passos a favor da homœopathia, sendo recebido pela sua classe com um sorriso desdenhoso. Em 1827 porem John F. Gray presidente da *Sociedade Medica de Nova York* converteu-se á homœopathia e deu-lhe grande impulso. Seguiram o seu exemplo muitos mais, como Gerard Hull, Wilson, Channing, J. Vandenburg, B. Duches, Hering etc.

Além d'estes outros homens notaveis se dedicaram á homœopathia, propagando-a em todo o paiz com extraordinaria rapidez.

Grande numero de obras notaveis tem produzido aquella nação. Actualmente está em publicação a mais colossal que tom sahido a lume em medicina. E' a *Encyclopedia de Materia Medica Pura*, editada por Timothy Allen, professor de materia medica e therapeutica no collegio medico homœopathico de Nova York, da qual estão já conhecidos nove grandes volumes. Ha 13 escolas de medicina homœopathica e numerosas sociedades e institutos.

Em Monte Video, Buenos Ayres, Valparaizo, e até na Oceania, o systema homœopathico tem operado prodigios e tomado o desenvolvimento que na Europa tem adquirido com justiça. Como em todos os tempos, em favor de quanto é civilizador e util á humanidade, são os missionarios que tem mais propagado n'aquellas regiões a homœopathia, como um grande bem.

Taes são succintamente os triumphos da homœopathia nos principaes paizes em que existe. Onde se cuidar de sciencia será a homœopathia ainda por muito tempo a questão mais vital e palpitante do dia, por isso mesmo que é a maior, mais geral e mais fecunda idea que se tem emitido no dominio dos conhecimentos humanos.

Em meio de tal evolução, como figura Portugal?

Bernardino J. de Senna Freitas.

SECÇÃO LITTERARIA

COISAS!

Certo diario liberalissimo de Lisboa, dando por assentado que a lei athea promulgada ha pouco na Belgica pela qual o catecismo é afastado das es-

colas, é uma lei verdadeiramente «liberal,» e por tanto mui *estimavel*; assim como é «liberal» o projecto da lei—*Ferry*, contra a liberdade do ensino em França, por isso mesmo que prohibe a muitos milhares de cidadãos o ensinarem, parece estranhar depois d'isto que os catholicos peçam a Deus que «livre o mundo da influencia das doutrinas da imprensa periodica do liberalismo»!

Já se viu semelhante estranheza?!

Esta só de catholicos-atheus, de liberaes-despotas e de monarchicos-republicueiros!...

A proposito de republicueiros:

Acabamos de lêr n'um dos ultimos fasciculos da excellente *Revue des Questions Historiques* uma bonita canção, composta a 6 de junho de 1800 (note-se a data), que vale a pena transcrever no original, não sendo preciso traduzil-a, por sua muita clareza. Eil-a:

*Il était certain clique
Doni les frères fondateurs
Ne rêvaint que R'publique
Pour s'en faire directeurs,
Puis grands seigneurs,
Puis dictateurs:
C'était leur fine politique.
Malheur à qui s'y tromperal
Bientôt il s'en repentira.
Ramoner ci, ramoner là
Nos coffres-forts de haut en bas,
A—a—a—a
C'est le secret de ces gens-là.*

Já lá vão 79 annos, accrescenta a *Revue*, e parece que estamos vendo os republicueiros francezes d'hoje em dia! O *Monde* tambem affirma que—*il serait impossible de tracer un portrait plus ressemblant des républicains d'à présent.* E é verdade!

O jornal communista *Marseillais* de 5 de setembro, referindo-se nos radicaes opportunistas gambetteiros, diz que é necessario matar certos mortos,

—*Il est des morts qu'il faut qu'on tue.*

Faz-nos lembrar os nossos positivistas macaqueiros de Coimbra que nos consta andarem todos azafamados á caça do «morto» Catholicismo, que desejam matar,—coitados!

Na resposta que o snr. Suttkamer, successor de Falk no ministerio da Justiça na Prussia, deu ultimamente (em principios de setembro) ao Deão Kappen e a outros catholicos, que lhe fizeram uma excellente representação contra o *Kulturkampf*, ou as celeberrimas

leis de maio, notamos que ao mesmo tempo que insiste na «supremacia do Estado» contra a Igreja, confessa estar convencido de que a «decadencia da civilização seria coisa certa logo que os principios do Evangelho deixassem de ser tomados como fundamento do ensino popular!»

Ora o sr. Suttkamer sabe perfeitamente que o «Estado moderno» ou é indifferentista e sceptico em materia de religião ou caminha a passos largos para o anti-christianismo.

Logo o que quer s. ex.ª com a tal «supremacia plena do Estado em materia de ensino» como em tudo o mais?!

Não tem chorado Renan *grossas lagrimas* sobre a «falta que o christianismo vae fazer no mundo»?... Parece impossivel que estes homens não vejam e não apalpem a flagrante contradicção om que laboram!

Se para alguma coisa é bom ser catholico-liberal, ou *preto-branco*, é para poder dirigir impunemente ao *Diario de Noticias* —mas lá de muito longe em longe, e com certas precauções—uma noticia como a seguinte:

«Aqui em Roma, os suicidios já não se contam nem pelas semanas, nem pelos mezes, contam-se pelos dias! Desde que cheguei, ainda não houve um dia em que a *Italia* não registrasse dois e tres suicidios! O Tibre, qual outro minotauro, já se não alimenta senão de carne humana! E note v. que entre os infelizes suicidados não se conta, que eu saiba, um só filho da cidade de Roma! E, que o povo romano tem sido sempre creado no amor e temor de Deus. Digam lá o que quizerem: a Roma dos papas foi sempre uma das cidades mais moralizadas do orbe. Leiam sem paixão e prevenção a sua historia, que hão do reconhecer que não exagero.»

O correspondente de Roma para o *Diario* lisboeta, d'esta vez tem razão. D'onde concluímos que a não têm muitissimas outras vezes o supradito *diario*.

A bon entendre...

Um tal sr. Hervieux, sub-prefeito de Avallon (França), escreveu ha poucos dias um bilhete ao parcho de certa freguezia, ordenando-lhe que viesse «*imediatamente* ao seu gabinete: — *de se rendre immediatement dans mon cabinet.*»

O rev.º parcho respondeu-lhe «*imediatamente*»:

«Snr. sub-prefeito,

«Acabo de receber uma carta que

tem a vossa assignatura, mas que é evidentemente obra de um falsificador. Tenho-vos por cavalheiro de fina educação, e de modo algum posso supôr que tomasses para comigo, que não sou vosso subordinado, o tom de um regente de eschola inferior, sabendo por outra parte que nós os parochos só obedecemos a nossos superiores, os quaes não habitam por certo nas sub-prefeituras.

«Envio-vos pois a carta em questão, para que, se é possivel, possaes descobrir o mystificador, que se quiz *divertir* á vossa e á minha custa.—á vossa, sr. sub-prefeito, attribuindo-vos uma linguagem de homem mal educado, e á minha, ousando convidar-me para dar um passo que me cobriria de ridiculo.

«Esperando que o culpado seja conhecido, sou, sr. sub-prefeito,

De v. ex.ª, etc.»

A lição haverá sido comprehendida? E' de esperar; mas quem sabe? Talvez não.

Celebre coincidencia! Em 1793, em França, a morte de Luiz XVI foi decretada na Assembléa (Convenção) nacional pela maioria de *um só voto*. Entre os convencioneiros que sancionaram aquelle delicto figura um certo BOYAVAL, deputado do Norte. Em 1879, na Belgica, a lei sobre a instrucção athea —«lei da desgraça», como lhe chamam —, que desterra o catecismo das escholas, —lei que o nosso *incolor* chama «verdadeiramente liberal», e que foi imposta ao paiz pela maçonaria, passou igualmente pela maioria de um só voto, o do deputado BOYAVAL!

Habent sua fata nomina!

Cesar Cantu acaba de dirigir ao senador francez Pariere uma bella carta contra a *lei-Ferry*, e constata que «se as escholas *leigas* temem a concurrencia das escholas e das Universidades ecclesiasticas, ou antes catholicas, é isso prova de que o ensino d'estas é reconhecido melhor e de que tem por si os votos da maior parte da nação.»

Clarissimo!

Escrevem ao *Monde* em fins de setembro (25):

«Havendo *alguem* saudado o Presidente dos Estados-Unidos sobre o acolhimento que seria feito aos Jesuitas no caso de serem expulsos de França, o sr. Hayes escreveu logo ao Padre Geral da

Ordem, que todos os membros da Companhia seriam recebidos com grande alegria e da melhor vontade, e que se enviariam navios para seu transporte.— O Presidente acrescentava que tinha sabido apreciar todo o bem que os Jesuitas faziam nos Estados-Unidos pela instrucção do povo e pela reforma dos costumes, e que seria mui feliz em d'ellos possuir o maior numero possivel.»

Uma boa lição dos republicanos da America aos *republikanos* de França e *monarchicos* d'outras partes!

Pergunta-nos alguem qual será a melhor obra para refutar os erros mais vulgares em materia religiosa nos tempos presentes. Evidentemente as *Respostas populares ás objecções mais communes contra a Religião*,—obra do rev.º Padre Franco da Companhia de Jesus, traduzida ha pouco entre nós pelo sr. José Franco de Souza (Lisboa, 1878). E' obra preciosa entre as que mais o são, e estimadissima em toda a parte onde se conhece. Foi traduzida e impressa sem vistas interesseiras: a barateza do preço, attendendo aos volumes, o está dizendo. Desejavamos que apdasse nas mãos de todos.

UM VIMARANENSE.

THEREZA DE JESUS

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS DE MARCO

TRADUÇÃO DO

P.º LIMA

(Continuado do numero anterior)

VIII

Julgamos desnecessario cansar nossos leitores com a relação das terriveis luctas, que entre suas inclinações e sua timorata consciencia, Thereza ainda teve de vencer.

Diremos sómente que Thereza contava 25 annos quando morreu seu pae e que já passava de 45 e ainda não tinha podido suffocar absolutamente a lucta, travada entre sua alma e seus sentidos.

E' para admirar o grande espaço d'annos que esta creatura, que reunia tão egregios dotes, teve de esperar uma vocação tão morosa; o ter de combater uma grande parte de sua vida, com mui curtos intervallos, contra o inimigo do genero humano, que lhe apresen-

tava a vida do mundo cheia de delicias, e o claustro cheio de horrores; e o sahir por fim triumphante cingindo-lhe a fronte a florida corôa de virgem!

Durante o longo periodo de vinte annos sujeitou-se a taes austeridades, que sua vida correu risco por muitas vezes.

Afinal, moderaram-se-lhe os impetos da juventude e apiedando-se Deus d'ella, cessaram suas perplexidades de um modo tão singular, que não vacillamos chamar-lhe providencial.

Um devoto prendou a egreja das Carmelitas com um formosissimo quadro, onde se via primorosamente retratado um Christo com as chagas abertas.

Thereza via do côro o sitio, onde o haviam collocado; allumiavam a santa effigie algumas velas, que lhe tinham offertado as religiosas; Thereza contemplava a a miúdo e esta contemplação operou no seu espirito uma salutar mudança e acabou por convertel-a completa e definitivamente.

A recordação da morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo era-lhe constante na mente; olvidou para sempre o mundo e suas vaidades, e como sua ardente e viva imaginação carecia de assidua distracção resolveu consagrar algumas horas do dia ao cultivo das sciencias christãs, para o que contribuia eficazmente a esmerada educação que recebeu e a vastissima instrucção de que era dotada. A primeira cousa que Thereza começou a escrever, foi sua vida; a esta seguiram-se varias obras de piedade, que, como diz um escriptor notavel, se distinguem pela elegancia do estylo, pela unção verdadeiramente evangelica e pela pureza da linguagem, que pozeram sua auctora a par dos melhores escriptores da época.

Começou então a corresponder-se com S. João da Cruz com quem se havia relacionado por via de um dos seus irmãos, que se tinha mettido frade: para conhecer a lucidez do espirito de Thereza, a viveza e graças do seu estylo basta lêr suas cartas, que dirigiu ao santo, nas quaes se revela uma inspiração verdadeiramente divina.

Apezar de seus trabalhos religiosos e litterarios Thereza, de *Jesus*, como se quiz appellidar desde creança, fez voto solenne de viver como convinha a seu estado e de trabalhar durante a vida para a maior gloria de Deus: então seu espirito aquietou-se e começou a achar suave e simples tudo o que anteriormente se lhe afigurava aspero e difficil; entretinha-se em elaborar seus escriptos e assim a ociosidade, germen fecundo de todos os vicios, não tornou a perseguil-a mais.

—Na verdade, dizia Thereza, a regra Carmelita está excessivamente larga e relaxada; assim como a mim me dá tempo para pensamentos vão e ocio-

so, não o dará tambem a outras religiosas jovens e inexperientes? E não deverci eu, que conheço o mal, curar de prevenil-o? Ah! Se o Senhor me ajudar com que gosto e com que zelo não procurarei eu a reforma da nossa Ordem! Thereza meditou por muito tempo n'este projecto: na verdade tinha razões para crêr, que esta ordem não era perfeita nem salutar para as religiosas: apezar de no seu convento se viver consoante as regras da Ordem, todavia a falta de clausura e a abundancia e variedade de alimentos, banindo toda a idéa de mortificação, pareciam-lhe trazer gravissimos inconvenientes.

Formou, afinal, na sua mente o plano arrojado de restituir á sua primitiva pureza a ordem Carmelita, cuja regra ha mais de trezentos annos se não guardava nem praticava, e communicou este seu projecto a sua amiga soror Ignéz, religiosa Agostiniana e a uma senhora que vivia como secular no convento do Carmo.

Ambas o approvaram e elogiaram muito; a joven secular offereceu immediatamente trinta mil ducados para o estabelecimento da reforma, asseverando a Thereza, que desde já se associava a ella e viveria em sua companhia, observando estritamente aquella regra.

Igual quantia offereceu soror Ignéz, que obteve licença para transferir-se do seu para o convento de Thereza, e todas tres deram principio áquella vida de austeridades e privações.

Era confessor de Thereza um santo religioso, chamado padre Balthazar Alvares: tanto este como S. Pedro d'Alcantara e S. Luiz Beltrão, amigos e admiradores da religiosa a animaram a levar ávante seus designios; instaram-na igualmente a isso o Bispo d'Avila e o mesmo Geral da Ordem do Carmo, que deu a Thereza licença e dinheiro para comprar uma casa para n'ella se dar principio á reforma.

Mas mal se espalhou pela cidade esta nova, levantou-se contra Thereza uma perseguição terrivel; as freiras e frales carmelitas, que se davam bem com aquella liberdade, impugnaram fortemente as intenções de Thereza, conclamando, que ella as queria sujeitar a uma regra apertada e austera, que nunca haviam praticado.

Uniram-se a esta terrivel cruzada não só as familias mais nobres e distinctas da cidade, mas até pessoas que se tinham em conta de eruditas; todavia e apezar de tantas contrariedades, Thereza não pensou um momento sequer em abandonar seu projecto.

Soffreu com aquella heroica e já tão provada paciencia os contratempos da fortuna e os tiros envenenados de seus inimigos; até que por fim recebeu um Breve Apostolico no qual o Papa Pio

IV a auctorizava a estabelecer a reforma.

Em consequencia d'isso, Thereza com suas duas amigas, tomou posse do novo convento, mandado edificar a expensas suas, e o mandou consagrar sob a invocação de S. José, sendo este o primeiro, que se conheceu com este titulo; sua fundação solenne fez-se no dia 24 d'agosto de 1562. Tal foi a origem da celebre reforma das Carmelitas; conhecendo a santa que ia crescendo o numero das suas discipulas, pois affluíam a alistar-se sob a formosa bandeira do Carmo muitas jovens da cidade e até de toda a Hespanha, deu-lhes regra e instituto.

Estabeleceu a mais rigorosa clausura; ordenou o jejuar desde o meiado de dezembro até á Paschoa, prohibiu absolutamente comer carne, excepto os casos de enfermidade, e trazer camisa de linho; determinou que só se admittissem no locutorio as visitas dos parentes mais proximos, isto é, paes e irmãos, e finalmente, se não se ordenou um silencio absoluto, pelo menos, limitaram-se muitissimo as conversações das religiosas.

Esta Ordem assim austera e apertada, n'um seculo de grande licença e liberdade de costumes, adquiriu em breve uma grande reputação.

O Geral da Ordem visitou o convento, e manifestou uma profunda alegria ao vêr que voltara á sua primitiva a Ordem veneranda dos padres do Carmo.

—Senhor, disse Thereza, dissimulando com uma humildade e modestia verdadeiramente evangelicas, os elogios do superior: pouco tenho feito, porque faltam-me as forças e é limitadissima minha intelligencia; todavia, conheço que se pode fazer muito mais para gloria de Deus e da nossa Ordem e estou prompta a emprehendel-o, se para isso me conceder licença.

—Está dada, disse o superior, relate-me já vosso projecto a vêr se posso ajudar-vos na sua execução.

—Pois bem, meu padre; dae-me licença para sahir d'aqui para que possa fundar mais alguns conventos de religiosas e religiosos descalços.

—Para sahir dou-vos eu licença, agora para fundar outros conventos, isso não, porque tal fundação traria graves inconvenientes á nossa Ordem.

—Pois que, senhor; exclamou Thereza com vehemencia; ha de por ventura privar-se o sexo forte de seguir o caminho da penitencia e da perfeição christã, e franquear-se só para o sexo fragil? E não é aquelle com certeza o mais apto para cumprir á risca nossos estatutos, para soffrer por Deus? E essa fogosa e illustre mocidade, que não procura outra profissão senão a das ar-

ma.; nem quicq̃ outra occupação senão a ociosidade, não poderia ella empregar no amor divino essa vehemencia, essa insaciabilidade de commoções, que lhe cava abyssos e a arrasta a precipicios? Quantas almas não poderiamos ganhar para o céo! Quantas livrar da condemnação eterna!

O Geral quedou-se estupefacto.

—Conheço, disse, depois de uma breve pausa, conheço que tendes razão; mas, que quereis? esta innovação é de tal peso e tão melindrosa que receio emprehendel-a; a intriga e a calumnia trabalham contra nós; e depois de tantas despezas e trabalhos arriscamo-nos a que ninguem queira entrar para nossos conventos: acabaes de o dizer; o vicio e a desordem dominam actualmente e haverá poucos que se sujeitem á obscuridade de uma vida christã e consagrada a Deus.

—Ah, senhor! exclamou a santa; abri asylos para o retiro, para a oração; e o mundo se encarregará de encher-os; desgraçadamente é maior o numero dos infelizes do que o dos ditosos; é maior o numero dos que soffrem do que o dos que gozam.

—Pois bem, disse o religioso; não quero desgostar-vos nem deixar de seguir vossa opinião, que respeito muito; dou poder e licença para fundar esses conventos de religiosos, mas dous sómente para experiencia; se o resultado for bom, fundaremos logo outros.

(Conclue no proximo numero.)

A MULHER CHRISTÃ

(Continuado do numero anterior)

O Christianismo abalança-se com os apóstolos ao meio do mundo; proclama os principios de vida; prèga a idéa salvadora da humanidade; e vê-se a principio escarnecido, tratado de sonho e de loucura, martyrisado e perseguido, e permite que o persigam, que o martyrisem; mas entre os tormentos continúa a proclamar as suas doutrinas, e os seus verdugos são os primeiros que converte á sua fé. Os imperadores, os proconsules e os juriconsultos decretam a morte dos galileus; de primeiro, por satisfazerem aos desejos d'um povo estúpido e sanguinario que pede espectáculo no circo; e em seguida entra em suas perseguições o proposito deliberado de exterminar a nova seita que, contra a vontade imperial, sustenta a independencia das proprias convicções.

Porém, depois de haverem contemplado o heroismo dos martyres na arena do circo, os Cesares sentem-se envoltos

n'uma aura mais pura; e, no meio de seus monstruosos crimes, do seu delirio de sangue, Caligula, Claudio, Nero, Domiciano e outros tyrannicos imperadores, impulsados por uma força maior, irresistivel, nobilitam a mulher e dão-lhe maior dignidade no seio da familia; reconhecem de certo modo a personalidade do menor e do escravo; obliteram mais e mais as desigualdades sociaes e tendem a crear uma lei universal e humanitaria. Nero quer tornar gratuita a administração da justiça; Claudio declara a vida do escravo tão inviolavel como a do homem livre; Adriano, Commodo e Alexandre Severo protegem o escravo contra a prostituição e qualquer outro genero de injurias; Caracalla manda que uma vez recobrada a liberdade pelo servo não possa este perdê-la de novo, e ordena que sejam iguaes entre si em direitos civis e politicos todos os súditos do imperio. Os juriconsultos, meditando sobre a obscuridade das leis, sentem-se tambem inspirados pelo novo espirito; condemnam primeiro com timidez os antigos principios; não se atrevem a atacal-os cara á cara; não tem valor para dizerem com a fronte erguida o que lhes dicta a consciencia, e afogam em prolixos commentarios uma palavra de censura. Ulpiano, ao fallar d'uma mulher que tem sido successivamente concubina de seu patrono e do filho e mesmo do neto de seu patrono, contenta-se com dizer que não obra bem, no seu entender. Porém passo a passo os novos dogmas sociaes invadem as doutrinas dos juriconsultos, modificam e transformam as suas idéas sobre o direito, e as decisões dos mestres da sciencia do direito contribuem, a seu turno, a emancipar o homem da tyrannia das antigas leis.

N'uma palavra, o novo dogma penetra insensivelmente na vida da sociedade, nas constituições dos imperadores, nas respostas dos juriconsultos e em todas as instituições sociaes; os monstros e os tyrannos que occupam o throno imperial lhe obedecem cegamente, e mesmo pretendendo destruil-o e afogal-o com os tormentos do martyrio e da perseguição, se convertem em instrumentos dóceis, de que a Providencia se serve para propalar o Christianismo pela consciencia do mundo. Os instinctos d'aquelles despostas que das eminencias do capitolio opprimem a terra são perversos, sanguinarios, cruéis, respiram ferocidade em todos seus actos, não se horrorizam dos crimes mais execraveis; e, sem embargo, uma força superior, que desconhecem, os obriga a serem humanitarios em suas leis.

Este mixto singular de ferocidade e doçura, de crueldade e humanitarios sentimentos, não é mais que a natural consequencia da lucta terrivel que no

coração dos Cesares empenharam o paganismo moribundo e o Christianismo em seus alvares. Lá, no fundo das catacumbas, fermenta uma idéa grandiosa, sublime, que ha de regenerar o mundo; na obscuridade d'aquelles subterraneos o genio do futuro deita lentamente as suas raizes entre os tumulos mysteriosos dos martyres; alumia-dos pela trémula luz das lampadas funerarias, reúnem-se alli os christãos em silencio, e escondido no seio da terra dirigem suas preces ao céo; as virgens, cobertas do mystico véo do pudor e da oração, entoam celestes harmonias, curam as feridas dos perseguidos, soccorrem o pobre e o necessitado, alliviam todos os males, consolam todos os infortunios com o osculo ardente da sua caridade; o sacerdote de pé junto ao altar, reparte aos fideis o pão da alma que lhes dá o valor heroico para soffrerem sem queixume as dôres do tormento, anuncia-lhes com santa unecção que todos são irmãos, que todos tem um mesmo pae no céo, aconselha-lhes que se amem com effusão uns aos outros, que roguem pelos seus perseguidores; manda ao marido que respeite e venera sua esposa; á esposa que ame e obedeça a seu marido; diz-lhes a ambos que o matrimonio unira para sempre sua carne e espirito, e consola, emfim, todos os afflictos com esperanças infinitas. E os assistentes recolhem devotamente suas palavras; antes de separarem-se estreitam os seus corações em terno amplexo de amor, e entoam os cantos dos prophetas, os psalmos do antigo testamento, as maximas do Evangelho. E os hymnos sagrados repetidos cem vezes pelo echo poderoso d'aquellas abobadas sombrias, como se fora a voz dos que descansam nos sepulchros unindo-se ás adorações dos crontes, rodam pelos espaços das catacumbas e se exhalam logo como mysteriosas emanações entre os cimentos da cidade eterna; e commovem os imperadores submersos na prostituição do despotismo; abalam o patricio no meio das suas orgias, o povo no meio do seu embrutecimento, e surprendem o philosopho abstracto em suas meditações e divagando entre monstruosos erros; e os imperadores, os patricios, o povo, os philosophos, continuam na sua degradação e envilecimento; porém a nova idéa opéra insensivelmente em seus corações e a espaços brotam de seus labios principios ignorados por toda a antiguidade e realisam actos de virtude até então desconhecidos pelas sociedades. Cresce pouco a pouco a sociedade das catacumbas; os christãos occupam os mais altos logares do senado, da magistratura e do exercito; L. Anneo Seneca, o ministro, senhor então da vontade de Nero, tem conversado com S.

Paulo; a nutriz de Caracalla e a mulher de Commodo são christãs; de dia em dia multiplicam-se os christãos, já não podem contê-los as catacumbas, e sahindo-se dos subterraneos, aonde vai sepultar-se o paganismo, edificam os seus templos no meio de Roma, cravam a cruz no cimo do capitolio.

O Evangelho tinha avassallado já o mundo, os seus perseguidores abraçavam suas doutrinas, o Cesar adorava a cruz do escravo, davam-se a mão o tyranno e o opprimido, o labaro sagrado de Constantino oudeava no meio das legiões, a Roma antiga expirava, e das suas cinzas como a phenix brotava a nova Roma; as sociedades prostituidas abandonavam a vertigem da embriaguez, e repleta a mente de recordações vergonhosas e o peito de eternos de-sencantos, emparavam-se no lar domestico constituido pelo Christianismo e se envolviam nas virtudes, nos dôcos sentimentos e nos laços de amor da familia christã. Então ouvira-se um estrondo espantoso, entreabriram-se pavorosos abyssos; era o estrondo do paganismo que se desmoronava, minado na base pelas idéas christãs; nos abyssos sepultaram-se os mutilados cadaveres dos deuses. Os idolos, sem embargo, ainda deixaram no mundo algumas recordações, tiveram ainda alguns adoradores; mas foram estes occultar o seu ignominioso culto na escuridão das trevas e nas entranhas da terra; e hoje, entre as capellas e os sepulchros dos primeiros christãos, acham-se nas catacumbas os altares e as divindades dos ultimos idolatras.

Assim como o homem submete ao seu imperio as forças da natureza e as dobra a serem escravas inconscientes da sua vontade, assim tambem, valendo-se da força irresistivel da consciencia humana, o Christianismo converte os imperadores e os mais despoticos poderes sociaes em submissos escravos de seus designios, e os faz lavrar com suas proprias mãos o triumpho da causa que odeiam e perseguem. Os imperadores mais insensatos, os que com mais furia martyrisam os christãos, são os que melhor servem a causa de Christo, os que com mais zêlo dirigem os seus cuidados a protegerem o desvalido, o humilde, o necessitado, o escravo. Claudio ordena que a ingenua que tiver tres filhos, ou a liberta que contar quatro, fiquem livres da tutela do agnado. Adriano e Marco Aurelio assignam á mãe uma porção legitima e igual á do pae na herança de seus filhos; o mesmo que a estes, na herança materna. A mesma tutela do pae chegou logo a circumscrever-se, para os filhos, aos annos da menoridade. Diocleciano promulga a sua constituição em favor dos pobres; e mostra-se n'ella tão con-

forme com as doutrinas do Evangelho, como Constantino na constituição que mais tarde dictára em favor das viúvas e dos orphãos. Ambos se encaminham ao mesmo fim; não ha, entre o imperador pagão e o primeiro imperador christão, mais differença que a de ter um consciencia de seus actos, ao passo que o outro obedece cegamente a um mysterioso impulso. Diocleciano é instrumento inconsciente do triumpho do Evangelho; e Constantino, pelo contrario, comprehendêra qual é a força superior e divina que actua nas sociedades, reconhece a sua sublimidade e o seu providencial o inevitavel influxo, dá-lhe entrada em sua consciencia, e põe-se á frente da maior revolução que ha conhecido a historia. Em ser o primeiro imperador romano que teve consciencia dos seus actos, como legislador, e o primeiro que das alturas do throno comprehendêra a marcha da humanidade, estriba toda a sua grandeza.

Sobe, alfin, o Christianismo ao throno dos Cesares; e Constantino supprime a tutela perpetua da mulher, reconhece-lhe direitos iguaes aos do homem, e applica ao infanticidio a pena do homicidio. Então especificam-se as causas de divorcio; Teodosio, o joven, deroga as injustas leis contra os celibatarios; e Justiniano estabelece a igualdade entre os conjuges, e concede á mãe ou á avó a tutela do seu descendente, com direito pleno. As maximas do Evangelho e os preceitos do apostolo Paulo inscrevem-se nos frontespicios dos codigos romanos; e n'esses monumentos immortaes da razão escripta, legados pelo povo rei ás nações porvindouras, apparece tambem a Roma pagã, expirando nos braços da Roma christianizada.

Rodeado de escolhos, de insuperaveis obstaculos, de intrigas, de perseguições, odiado por todos os poderes da terra, o Christianismo fez frente ao judaismo e ao paganismo; avassallou o imperio romano personificado nos Cesares, e vencedor de todos os poderes do mundo, subiu ao capitolio com mais gloria que nenhum outro triumphador, porque seu triumpho era o mais completo e glorioso de quantos conhecêra a cidade dos triumphadores: era o triumpho da idéa sobre a força; o triumpho da Justiça, da Liberdade, da Moral, do Direito e da Consciencia, sobre a tyrannia, a oppressão, a desigualdade e o menospreço do homem. Roma então, em vez de celebrar os seus triumphos sobre a humanidade, celebrava o triumpho da humanidade sobre ella; em vez de amplificar o jubilo do povo com espectaculos de gladiadores, fechava os circos, por que um gôso mais puro que o do sangue vertido inundava o coração do homem; em vez de reis captivos e de

nações escravas, que d'antes seguiam o carro do triumphador, acoimhavam-n'o agora todos os povos do universo, levando em seus braços as divindades do Pantheon para despenhal-as pela rocha Tarpeia abaixo, conjunctamente com as algebras que os escravisaram nos seculos da antiguidade. No meio d'este insigne triumpho apparecia graciosa e bella a mulher christã; para ella se dirigiam as vistas de todos, e todos contemplavam assombrados sua fronte pura e serena, a sua grave magestade, o seu heroismo, abnegação e virtude; era a joia de mais valor que fulgurava n'aquelle dia de victoria; apresentava-se ao mesmo tempo coberta do nevado habito virginal, symbolo da sua pureza, e cheia do amor ineffavel de esposa sempre fiel, ou dos ternos cuidados e do zeloso carinho d'uma mãe sem rival no carinho de seu esposo.

O Christianismo havia triumphado pela só pujante força da sua propria idéa. Para conquistar e regenerar o universo endereçara-se unicamente, por meio da persuasão, á consciencia e á razão do homem; e assim, no meio mesmo do triumpho, completava a sua obra em prol da mulher, ensinando-lhe que, embora debil por natureza, tinha em seu peito uma força mais irresistivel que todas as forças da terra, a força do amor e da virtude. Com o seu proprio exemplo a animava a que, do sangue da perseguição e das dôres do tormento, esperasse confiada a victoria; e apresentava-lhe como axioma incontestavel, o principio de que quando a verdade e a virtude principiam a luctar contra o despotismo e tyrannia, é seguro o seu triumpho; porque a auctoridade dos potantados se esboroa de encontro ao grito de consciencia e contra os sentimentos do coração; porque n'essa lucta as armas se enferrujam, a espada perde o seu valor na balança da victoria, derribam-se todas as instituições sociaes, a cuja sombra se perpetrava o crime; e, de entre os escombros da sua ruina, surge a verdade em todo o seu esplendor, depois de haver lançado na convicção dos homens raizes tanto mais profundas quanto mais prolonga-la foi a resistencia que encontrára na sua progressiva marcha pelo mundo. A mulher, por consequencia, ao sentir-se debil e opprimida, não deve desconfiar da virtude: em vez de lançar-se nos braços da desesperação, como a escrava dos serralhos orientaes; em vez de acervar-se nos desmanchos de espantosas orgias, como a heteria grega e a matrona romana, — que se deite nos braços da virtude; e quando se veja atormentada e envilecida, que cada suspiro de dôr que arranque de seu peito e tormento, seja para ella signal do triumpho, presagio de victoria; pois a virtude e a

innocencia hão de triumphar, por fim, da oppressão e da tyrannia. E quando o tyraano que a xaqueia aquilatar o que vale o seu amoroso coração de esposa e o seu terno carinho de mãe; quando conhecer o que é a perpetua fidelidade no amor conjugal; quando estimar o que são os cuidadosos afans da mulher no seio da familia, e gostar a felicidade divina que as virtudes de sua companheira difundem pelo lar, elle mesmo se indignará contra uma tyrannia que causa a sua propria desdita, e maldizendo seus criures se despojará do cruel despotismo que d'antes se oppunha á sua felicidade e o privava da terna consolação e da incomparavel alegria dos verdadeiros affectos do coração.

(Continúa.)

SANCHES DE TOCA.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

O Rev.^{mo} Snr. Padre João Vieira Nunes Castro da Cruz, um dos collaboradores d'esta Revista, apenas soube que nós iam publicar a traducção da magnifica obra de D. Francisco Javier Garcia Rodrigo, a *Historia verdadeira da Inquisição*, fez publicar na *Palavra* o seguinte artigo, que nós para aqui transcrevemos, como guarda avançada do prospecto que em breve vamos publicar.

TEIXEIRA DE FREITAS.

Historia Verdadeira da Inquisição

Uma obra notavel, talvez a mais importante sobre o objecto de que trata, viu a luz publica em Madrid, no anno de 1877. Intitula-se *Historia verdadera de la inquisicion*, por Dom Francisco Javier Garcia Rodrigo. Consta de tres grossos volumes.

Esta obra foi publicada com licença da auctoridade ecclesiastica de Madrid, e approvação especial da maior parte dos Prelados de Hespanha. O auctor, alem d'isso recebeu da Santa Sé testemunhos do agrado e de louvor pela sua obra. Já se acha traduzida em varias linguas, e, segundo nos consta, vae editar uma traducção portugueza o snr. Teixeira de Freitas, de Guimarães.

A obra de Garcia Rodrigo sobre a inquisição tem sido objecto de apreciações encomiasticas em varias revistas e jornaes religiosos, hespanhoes e estranhos; figura com estima, desde a sua apparição, no gabinete de estudo dos Prelados, no dos ecclesiasticos

mais illustrados e no de muitas pessoas piedosas.

Tudo isto mostra que é uma obra importantissima que merece ser pensadamente lida e estudada por quem desejar saber o que foi a inquisição, principalmente a de Hespanha e Portugal.

E', com effeito, um livro curiosissimo, bem escripto; revela illustração vastissima em seu auctor; patentea profundas e arraigadas convicções; contem dados novos para a historia; e pôde ser consultado pelos amigos das letras com grande proveito.

A imprensa hespanhola, a mesma que é adversa ao Santo Officio, tem confessado a importancia da *Historia verdadera de la inquisicion*.

Não nos consta que no nosso paiz se haja fallado d'ella na imprensa; e por isso grande serviço presta o snr. Teixeira de Freitas á religião e á patria, editando esta obra e tornando-a conhecida do publico portuguez.

Emquanto ao seu estylo, a obra reúne condições de gravidade, correcção e energia, que, unidas á clareza e ao methodo constante e ficlmente seguido pelo auctor, a fazem recomendar a todos.

E todos a devem lêr, não só os que tem ideias exactas sobre o procedimento da inquisição, mas tambem, os que julgam d'ella pela leitura de historias escriptas sem consciencia, parto de novellistas sem senso commum: os primeiros, para mais se firmarem no seu juizo; os segundos, para roctificarem o seu juizo apaixonado e erroneo.

Muito se tem escripto acerca da inquisição, e, desgraçadamente, muito mal, só o seu nome, á força de ser vituperado insensatamente, tem chegado a ser um como espantallo de ignorantes, de velhas e de meninos.

«Muitos tem podido fallar da inquisição sem a ter conhecido», diz o padre Gaume.

(Continúa.)

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO

O dia de finados—Uma missão em Villa Caiz, pelos Padres de S. Vicente de Paulo; para que servem as missões?; resposta a tempo; onde mais se carece de missionarios.—A «Nação» e a «Palavra», não ensari-lharam armas ainda.—Cousas de França; o socialismo a mover-se; as mulheres em scena; o Conde de Mun em Bordéus.—Brazil; morte do general Osorio; a magonaria encorporada no prestito.—O bispo do Rio de Janeiro fazendo uso da auctoridade de que está revestido.

Abramos esta secção no mesmo dia em que a Egreja, nos lembra, por esse frenetico bimbalar dos campanarios, que é chegada a occasião de nos recordarmos d'aquelles que estimamos na terra e que gozam hoje ou da eterna bemaventurança ou esperam as nossas orações para ascenderem a ella.

Dia de finados!

Quem haverá sobre a terra, tão infeliz, que não encontre linitivo em cahir de joelhos sobre uma campa, se essa campa lhe esconde os restos mortaes que deram morada a uma alma que lhe foi cara?

E quem haverá tão feliz que não tenha por quem rezar, que não tenha sentido ainda a morte d'um pae, d'uma irmã, d'um amigo?

Oremos, pois, por aquelles que em vida nos amaram, e de envolta com as orações que nossas almas elevam ao throno de Deus, deixemos cahir sobre as campas as amargas lagrimas, unico orvalho que reverdece a saudade que nos punge.

Oremos! Oremos porque somos catholicos. Oremos porque nos não amedronta o aspecto triste d'um cemiterio em dia de finados. Oremos porque nos não apoquentamos o dobrar dos sinos. Oremos porque não nos envergonhamos de descobrir-nos ante a cruz, ou ella se eleve no chão do cemiterio para dar sombra á campa raza do pobre, ou se eleve altiva no mais alto de soberbas cupulas.

Oremos, oremos.

* * *

Villa Caiz, povoação nas proximidades de Mezão-Frio está gozando os fructos d'uma missão feita pelos reverendos padres missionarios de S. Vicente de Paulo, do collegio de Santa Quitéria. A' frente da missão lá está o incansavel trabalhador na vinha de Jesus, o revd.^o padre Joaquim Alvares de Moura, e entre os demais padres da Congregação das missões está tambem o reductor principal d'esta Revista o revd.^o padre Senna Freitas.

Quaes serão os fructos d'esta missão só Deus o sabe, mas a julgar pelos que devem ser colhidos por aquelles povos muito devemos louvar ao Senhor.

Mas para que servem as missões? podem objectar os seus inimigos. Não seria melhor que os missionarios fossem para a Africa?

A isso respondemos nós com um facto que ha pouco nos foi contado, ou antes, que ouvimos contar na nossa presença a uma outra pessoa.

Eis o dialogo que entre os dois se travou:

—«Então como vaes F.?—dizia o cidadão ao seu interlocutor, homem serio, um tanto rude, d'uma aldeia d'este concelho.

—Vaes bem. Desde que se havia apartado da mulher, a sua casa era uma pouca vergonha. A vizinhança fazia grandes censuras ao seu viver desavergonhado e os bens iam cada dia sendo mais sobrecarregados com dividas, para occorrer á vida desregrada que levava.

—E dizes então que vaes bem?

—Lá vou, homem. No meio d'esta desordem que lhe ia em casa, apparecem na freguezia uns missionarios; fazem-se numerosas confissões, etc., etc., e um dia as casas de F. abrem-se para dar entrada á mulher, os bens de ambos juntam-se de novo, os filhos dão de novo a alegria áquella casa onde até então reinava a desordem, e elle ahí está um homem de bem, amigo dos filhos, amando sua mulher e empenhando-se por collocar a casa no estado de prosperidade em que antes estava.

—E quem eram esses missionarios?

—Não sei. O que posso dizer é que fizeram isto, e mais alguma coisa. Eu não sou de imposturas, e ha por lá quem não goste d'elles; mas eu á vista d'estes factos, digo que são bons padres e que os deaejava na minha freguezia sempre.»

Se alguém quizer provas d'este facto póde vir ao nosso escriptorio que se lhe dão.

E quanto a mandar os missionarios á Africa, não sabemos para que, desde que o selvagerismo em materias religiosas está sendo no nosso paiz, como nos mais escondidos cantos africanos.

Não se esfolia vivo um padre em plena rua porque as leis do paiz tem ainda força para o obstar; mas a vontade Deus a agradeça a alguém, que não póde vêr os padres, apesar de nem esses mesmos sabermos a razão porque os odiam.

Quando o logar do missionario era em Africa era Portugal uma nação de crentes, de catholicos verdadeiros; hoje carecemos cá muito das missões, e por carecermos d'ellas é que alguém as não quer.

* * *

N'alguns dias da semana passada os nossos presadissimos collegas da *Nação* e da *Palavra* não se insultaram mutuamente. Houve por isso intensa alegria no campo catholico. Infelizmente durou pouco!

Fazemos votos para que se perdoem as offensas recebidas e para que jámais se injuriem nossos bons collegas, embora discutam o que bem lhes pareça.

Creiam que só assim agradarão a Deus e aos christãos de boa vontade.»

No 11.º fasciculo da *Civilização Catholica* lêmos:

«Será christão este desgraçado procedimento? Enquanto os inimigos de Deus e da sua Igreja semeiam a impiedade e a anarchia, a imprensa catholica deverá occupar-se em questões mal entendidas, pessimamente discutidas, desgraçadamente resolvidas?

«E é assim que correspondemos ás ordens do nosso Santissimo Padre Leão XIII, terminantemente expressas no seu discurso aos representantes da imprensa catholica? Combatam-se os erros, mas não esqueçamos nunca a caridade.—*in omnibus charitas.*»

Quanto ao ultimo paragrapho, estaríamos promptos a subscrever-lo «com ambas as mãos»; quanto ao primeiro, quasi-quasi; porque, se não sempre, bastantes vezes...

A paixão é má conselheira. Dominando ella, os equívocos e os paradoxos abundam. Tem-se visto!...

E prouvera a Deus que fosse só isso! O peor são as mutuas injustiças que se commettem! *Charitas! Charitas!*

* * *

Em França, qual mal agitado por diversos ventos, a onda socialista principia de mostrar-se aqui e além em continuo movimento: Fructos, talvez, da lei que deu ampla passagem, nas fronteiras francezas, aos incendiarios da Communa, essa onda tende a avolumar-se mais e mais á medida que os discursos socialistas se fazem ouvir pelas classes operarias de França.

Ha poucos dias era Marselha o theatro onde os inimigos da ordem punham em scena os seus planos. Na sala, aviada com tropheus e bandieras de cores nacionaes, alguns escudetes ostentavam inscripções como estas:—«A terra pertence ao aldeão é a ferramenta ao trabalhador».—«Trabalho para todos».—«Sciencia e paz».—«Emancipação dos trabalhadores pelos mesmos trabalhadores».—«Justiça e união». Ao fundo uma bandeira encarnada tem o seguinte distico: «Não ha direitos sem deveres, nem deveres sem direitos»; na meza vê-se o busto da republica com o competente gorro phrigio e a tribuna está forrada de vermelho. Viam-se presentes 126 delegados de diferentes cidades da França e grande numero de periodistas francezes e estrangeiros.

Declarada aberta a sessão, a assembléa nomeou presidente o cidadão Pedro Durand; substitutos o cidadão

Marcotte, moço de taberna e as cidadãs Graves e Alleontrina.

O presidente principiou pelas seguintes palavras:

«Vós que sois os representantes da classe operaria, haveis provado que sejam quaes forem as difficuldades offercidas pelo problema social, tendes bastante perseverança, actividade e intelligencia, para o estadar o dilucidar. Observados por todos os nossos inimigos e por todos os partidos que suspeitam de nós, desejando vêr-nos commetter uma falta de que se aproveitariam, o nosso dever está traçado. Fortes com o nosso direito, mantenhamos dignos e tranquillios essa affirmacão.»

E, concluiu dizendo:

«Temos de procurar especialmente os meios praticos de chegar a agrupar todo o proletariado, de estabelecer a solidariedade, de fazer reinar entre todos os trabalhadores o espirito da união, a concordia e a fraternidade indispensaveis para o conseguimento da nossa obra.»

Não foi menos interessante o segundo congresso havido na mesma cidade e a que assistira grande numero de mulheres.

As mulheres! Sempre que ellas são arrastadas do seio da familia para entrarem em assumptos differentes aos que lhe estão designados, a asneira é certa.

Senão vejamos o que ellas disseram no congresso que nos occupa:

«A cidadã Luísa Tardiff pensa que a instrucção incompleta e religiosa recebida pela mulher a torna inferior ao homem, pedindo portanto a emancipação completa do seu sexo.

O cidadão Beyghin lamenta que a mulher esteja sujeita aos mais duros trabalhos dos homens nas fabricas, e descreveu os soffrimentos que ella supporta nas officinas com misteres insalubres; pediu que se melhorasse a ferramenta pela mecanica a vapor; que se desse á mulher trabalho menos fadigoso e que se diminuíssem as horas de trabalho.

A cidadã Humbertina Auclerc, delegada de Pariz, n'um discurso muito applaudido, apresentou a mulher victima do abuso da força, soffrendo a tyrannia dos que se apossam do poder. Criticou o governo que não póde tornar os homens iguaes nem elevar a mulher até ao homem. Associando-se ao proletariado que se queixa das classes directivas (quando, como os leitores estão vendo, é esse mesmo proletariado que quer dirigir a mulher) a oradora provou que a mulher era igual ao homem sob o ponto de vista intellectual. Censurou a Convencão, por ter fechado os clubs ás mulheres, e pediu para ellas o di-

reito de votar como os homens, para se assentarem as bases da sociedade futura. Disse que a mulher deveria matar o privilegio, e escolher livremente o caminho que melhor lhe convier. Pediu para ella instrucção completa, liberdade de consciencia e de opinião e finalmente voto deliberativo no municipio e no estado, por isso que a verdadeira republica não admittia privilegios.

A mesma cidadã Humbertina declarou guerra ao clericalismo. «Os homens que sustentam o clericalismo, disse ella, são mais clericos do que as mulheres que praticam a religião; proletarios, concluiu ella apostrophando, sede justos para serdes livres; proclamai a igualdade dos homens entre si, e a do homem e da mulher.»

A cidadã Chanzar, delegada de Lyon, declarou-se inimiga do trabalho da mulher, que é causa da diminuição do trabalho do homem. Confessemos que é original, sobre ser lisongeira para os homens, esta razão com que a conferente advogou a mandriice do seu sexo.

O cidadão Bernard disse que a mulher não tinha papel algum na sociedade actual, e que os seus direitos e deveres terão lugar na sociedade proxima.

A cidadã Grave, delegada de Marselha, correspondendo á seriedade do seu appellido, limita-se a querer a emancipação da mulher que paga contribuições.

O cidadão Tranier, delegado de Tolsa, critica o trabalho nos conventos e quer para a mulher o que a revolução de 89 deu ao homem.

O cidadão Delfan, delegado de Bordeaux, talvez inspirado pela grande questão travada entre varios escriptores francezes, acha que o divorcio é mais moral que a separação do corpo e bens; quer para a mulher uma instrucção secular e varonil, acrescentando que a igualdade politica virá depois.»

E a triste humanidade a vêr assim sem mais nem menos tratar os seus interesses por gente que, não tendo um palmo de terra onde pousar os pés, não tem outro desejo que vêr a miseria por toda a parte, já que a abundancia lhe não pôde chegar, sem o trabalho que elles detestam!

Felizmente nem tudo são ondas socialistas na França. Em meio do cahos espantoso em que a terra dos francos jaz submersa, ha ainda o sol da independencia e da liberdade a acalentar muitos corações que amam a Deus, a França e o verdadeiro progresso.

A voz do Condo de Mun, d'esse

athleta do christianismo, d'esse amigo da liberdade, d'esse homem que de alma e coração se tem devotado ao bem da humanidade fez-se ouvir, não ha muitos dias em Bordeaux.

Eis a tal respeito o que encontramos n'um jornal:

«O sr. Mun celebrou ha dias no edificio da Alhambra em Bordeaux, diante de uma assembléa de 4:000 pessoas de todas as classes da sociedade, uma conferencia sobre a liberdade de ensino e sobre os direitos dos paes de familia. N'um discurso muito applaudido, o sr. Mun traçou a historia da lei Ferry, dizendo que o ministro da instrucção publica, na sua lucta em favor dos direitos do Estado contra os dos paes de familia, seguia as prescripções de Danton. Na opinião do conferente o direito de pae de familia é um direito natural, porque a familia existe antes do Estado: «nem o sr. Grévy, acrescentou o orador, nem seus ministros tem direito de nos tomarem os nossos filhos, porque seria a defeza do atheismo; um pae de familia christão nunca consentirá em ceder seus filhos. O sr. Mun declarou que todos os paes de familia se devem unir na mesma energia.»

* * *

As ultimas noticias do Brazil fallavam-nos da morte do general Osorio, ministro de Estado, etc., etc. Em todos os jornaes se fallavam de pezames sentidissimos, de bandeiras a meio pau, de estabelecimentos fechados, etc., etc.; mas em nenhum encontramos uma palavra respeitante á confissão do tal sujeito.

Um dos periodicos, porém, explicou-nos o caso, e ficamos sabendo a razão porque o general se não confessára, se é que se não confessou.

A explicação foi-nos dada na seguinte noticia: «Após o carro que conduzir o feretro, seguirá o coche da casa imperial, com a corôa de marquez e tomarão logar em seguida os membros do ministerio, senadores, deputados, exercito e armada, MAÇONARIA, etc.»

Tambem ia a maçonaria!

Que papel representará esta caranguejola das meias palavras com tres pontinhos a terminal-as?

Sempre os brazileiros tem cousas!! Cruzes!

Já que estamos a fallar do Brazil, não findaremos sem notar mais um acto do Rev.º Bispo do Rio de Janeiro, pelo qual se mostra a independencia do Episcopado d'uma nação onde se faz tudo á força de tres . . . pontinhos . . .

«—O bispo do Rio de Janeiro pro-

hibiu que nas exequias por alma de D. Pedro V, que a Caixa de Soccorros tem de mandar celebrar no dia 11 de novembro, se faça oração funebre. Eis o despacho de s. ex.ª rev.ªª:

«Em quanto não fôr decidido o contrario, devo dizer que não tem lugar sermões funebres nos anniversarios dos finados, e até juntarei que no ceremonial dos bispos (cap. 36 do livro 2.º) prohibem-se expressamente taes sermões nos anniversarios do obito do proprio bispo diocesano. Por falta de attenção é que se tem dado exemplos em contrario. Quanto, porém, a officio, missa solemne com solemne encomendação final, se exceptuarmos certos dias excluidos pelas rubricas, não ha prohibição, principalmente tratando-se de um rei, e rei tão illustre e tão digno como o nunca assás louvado senhor D. Pedro V, filho obediente da Santa Madre Igreja Catholica Romana.

«Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1879.—Pedro, bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.»

A imp.ª braz.ª não gostou, ao que parece, d'este acto, que dá uma ideia da auctoridade de um bispo; mas tenha paciencia.

J. DE FREITAS.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

I

Historia Universal, por Cesar Cantu, vol. 12, Lisboa, Francisco Arthur da Silva, editor.

Acabamos de receber o volume decimo segundo d'esta obra monumental, gigantesca, que o sr. Francisco Arthur da Silva levou á sua conclusão, em segunda edição.

Se dissermos ser esta a publicação mais grandiosa que no nosso paiz se tem feito, receio não pôde caber-nos de que haja alguém capaz de desmentir-nos. Por vezes nos occupamos já d'esta obra e ainda não dissimos a ultima palavra a tal respeito, nem esperamos poder dizel-a d'uma obra que, devida á penna de Cesar Cantu, é traduzida sem NN.

Concluamos repetindo aqui as palavras do author:

«Esta obra data de longe; foi escripta em época de impaciencia menos febril, para uma geração mais reflexiva, e que diversamente comprehendia as noções da liberdade e da auctoridade, dos direitos e das convenções, da dignidade humana, e do progresso moral e social; sentimentos que procurei desenvolver dentro dos limites do verdadeiro, do bom e do bello, possuido de santo horror á injustiça, sob qualquer

fôrma com que se acoberte. Mas o facto de ter sido a obra tantas vezes reimpressa e vertida em diferentes paizes não me auctorisará a crêr que ainda não deixou de ser opportuna, e que é uma calunnia dizer-se que o publico só ama o que lhe lisonjeia os instinctos materiaes, ou uma presumpção exacerbada pelo espirito de revolta contra toda a especie de auctoridade? Ha, portanto, uma linguagem que as almas entendem em todos os tempos: essa linguagem é a da VERDADE.»

O auctor na ultima edição de *Turim tractou de preencher a lacuna* que havia nas edições anteriores, e acrescentou-lhe os acontecimentos historicos occorridos DESDE 1851 A 1862, isto porém ligeiramente; o *duodecimo volume d'esta edição alcança tambem esta data* por isso que se aproveitaram para o completar *d'aquella ultima edição* apesar de não o mencionarem os prospectos.

O editor proprietario d'esta publicação *grato ao favor do publico*, e comprehendendo a necessidade de publicar UM XIII VOLUME para que esta *segunda edição da Historia Universal fique mais completa*, resolveu offerer como brinde a todos os assignantes este ultimo volume, com o qual ficará completa esta obra, que não deixaremos nunca de recommendar.

II

MARAVILHAS DA CREAÇÃO, OU HISTORIA E DESCRIPÇÃO ILLUSTRADA DOS ANIMAES etc., etc.

Esta interessante publicação, que vê a luz em Lisboa, concluiu com o fasciculo n.º 30 o seu primeiro volume, que se compõe de 382 paginas, com 96 gravuras intercaladas no texto e mais 12 em papel cartão, impressas em separado.

O papel é excellente e magnifica a impressão, podendo dizer-se uma edição de luxo.

E' a mais perfeita descripção que havemos lido dos animaes, escripta em estylo ameno, não lhe faltando, por vezes, o que é raro em trabalhos d'esta ordem, um certo attractivo, que arrasta o leitor até ao fim do volume, sem mesmo o presentir.

Recommendo esta obra, pedimos aos leitores a attenção para o annuncio que acompanha este n.º

III

LA ILLUSTRACION ESPAÑOLA Y AMERICANA.

Recebemos o n.º 40 d'esta Revista illustrada de Madrid, que pôde competir com as que mais bem illustradas se publicam em França e Inglaterra. O n.º que temos presente occupa-se quasi exclusivamente das horrorosas inunda-

ções que ultimamente cobriram de escombros algumas terras de Hespanha.

E é por meio da gravura que se pôde ajuizar d'essa terrivel calamidade, que deixou sem abrigo e sem pão uma parte dos povos que vivem nas fertéis e risonhas campinas de Murcia, Lorca e Orihuola.

Aos amadores récommendamos esta Revista, que bem merece ser lida.

IV

PORTUGAL PITTORESCO:

Publicou-se o fasciculo 8.º correspondente a agosto, que vem acompanhado d'uma gravura representando um calice do seculo XVI pertencente á Sé de Coimbra.

V

LA ILUSTRACION CATHOLICA:

Eis-nos em frente do n.º 16 do 3.º anno d'esta Revista catholica illustrada que vê a luz todas as semanas na capital do visinho reino.

Por entre os magnificos artigos que se lêem n'este n.º sobressahem bem trabalhadas gravuras.

O seu preço é de 35000 réis por anno, franco para todas as terras de Portugal. Recommendo esta publicação julgamos fazer um bom serviço á causa do catholicismo.

VI

ALMANACH CATHOLICO LEGITIMISTA para 1880 — 4.º anno de publicação. Lisboa. 120 réis.

Fomos mimoscados com este almanach, que além de muitas tabellas de utilidade traz uma collecção de magnificos artigos e poesias firmados pelos mais festejados escriptores.

VII

LAS MESSIONES CATHOLICAS. REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA DE LA OBRA DE LA PROPAGACIÓN DE LA FÉ.

A esta redacção chegaram prospectos para esta nova publicação que vae ser feita em Barcelona.

As missões catholicas, como diz o prospecto, formam a mais sublime epopeia do Catholicismo e são a demonstração mais frisante da poderosa vitalidade e eterna juventude da Igreja de Jesus Christo.

Nada, porém, nos parece mais digno de ser archivado por meio da gravura, que esses feitos extraordinarios levados a cabo pelos modernos apóstolos. E' a isto que se propõe a nova publicação.

Que se leve a effeito e que os catholicos a protejam é o que nós, como obreiros no mesmo campo, podemos desejar.

No proximo n.º publicaremos as bases da publicação.

VIII

A MODA ILLUSTRADA:

Publicou-se o n.º 21 correspondente ao 1.º do corrente mez, contendo grande variedade de figurinos de modas para inverno, desenhos de bordados, uma linda gravura colorida, folha de mol-des, etc., etc.

A partir do numero 24 será este excellent journal augmentado com mais 4 paginas, sem que todavia o preço da assignatura soffra alteração. Fica pois com 8 paginas de gravuras pelo menos e 4 de texto a *Moda Illustrada*, tornando-se por consequente muito superior aos jornaes estrangeiros, ainda aos que se publicam semanalmente, visto que terá em um só numero quasi tantas paginas como aquelles em dois, sendo o preço da assignatura annual muito inferior.

Promette além d'isso distribuir no 1.º de janeiro proximo como brinde ás assignantes, um numero supplementar de 8 paginas, contendo diversas novidades.

Como as nossas leitoras vêem, a *Moda Illustrada*, ao contrario de muitas outras publicações, cumpre muito mais do que prometteu nos seus prospectos.

IX

SANTA THEREZA DE JESUS:

Recebemos o prospecto para o 8.º anno d'esta Revista mensal, dedicada a propagar a devoção de Santa Thereza de Jesus por meio do conhecimento de sua vida e admiraveis trabalhos litterarios.

E' feita esta publicação em Barcelona, e grande pesar é o nosso de não termos conhecimento d'ella se não por meio do prospecto que acaba de ser-nos enviado. Pedimos á illustrada redacção o favor de trocar com o *Progresso Catholico*, principiando nós a enviar-lho desde já e agradecendo esta prova de boa e leal camaradagem no campo da imprensa catholica, onde ambos combatemos em prol de tudo quanto é grande, nobre.

A. TEIXEIRA.

Aos nossos collegas na imprensa que annunciaram a entrada da nossa Revista no 2.º anno. agradecemos penhoradissimos as palavras com que o fizeram. enviando a todos um aperto de mão.

A REDACÇÃO.